



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I

CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MILENA DE FARIAS DÔSO

**O CHOLERA MORBUS EM CABACEIRAS E AS MUDANÇAS HIGIENISTAS
NO TRATO DA MORTE (1856)**

CAMPINA GRANDE

2020

MILENA DE FARIAS DÔSO

**O CHOLERA MORBUS EM CABACEIRAS E AS MUDANÇAS HIGIENISTAS
NO TRATO DA MORTE (1856)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento de História
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de graduado em História.

Orientador(a): Prof. Dra. Hilmária Xavier Ribeiro

Campina Grande

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D723c Doso, Milena de Farias.
O Cholera Morbus em Cabaceiras e as mudanças higienistas no trato da morte (1856) [manuscrito] / Milena de Farias Doso. - 2020.
26 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2020.
"Orientação : Profa. Dra. Hilmária Xavier Ribeiro ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. Cólera. 2. Doença bacteriana. 3. Óbito. 4. Epidemia. 5.
Cabaceiras - Paraíba. I. Título

21. ed. CDD 616.932

MILENA DE FARIAS DÔSO

**O CHOLERA MORBUS EM CABACEIRAS E AS MUDANÇAS HIGIENISTAS
NO TRATO DA MORTE (1856)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento de História
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de graduado em História.

Aprovado em: 27/11/2020

BANCA EXAMINADORA

Hilmária Xavier Ribeiro

Prof. Dra. Hilmária Xavier Ribeiro (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba

José dos Santos Costa Júnior

Prof. Me. José dos Santos Costa Júnior

Universidade Estadual da Paraíba

Serioja R. C. Mariano

Prof. Dra. Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano

Universidade Federal da Paraíba

À minha mãe e melhor amiga, Sandra, dedico.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Mulheres acometidas e falecidas de cólera na vila de Cabaceiras.....	17
Quadro 2 – Homens acometidos e falecidos de cólera na vila de Cabaceiras.....	17
Quadro 3 - Faixa etária das pessoas acometidas e falecidas de cólera na vila de Cabaceiras.....	20
Quadro 4 - Locais de sepultamento dos falecidos de cólera na vila de Cabaceiras.....	22

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. A PRÁTICA DO “BEM MORRER”	10
2.1 A CHEGADA DO CÓLERA NA PARAÍBA.....	13
3. CABACEIRAS DIANTE DO CÓLERA.....	15
3.1 OS NÚMEROS NO LIVRO DE ÓBITOS.....	16
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	25
AGRADECIMENTOS.....	27

O CHOLERA MORBUS EM CABACEIRAS E AS MUDANÇAS HIGIENISTAS NO TRATO DA MORTE (1856)

Milena de Farias Dôso¹

RESUMO

Esse artigo tem por objetivo analisar os números de mortes causados na freguesia de Cabaceiras no ano de 1856 a partir da epidemia do cólera e os impactos da doença nos costumes fúnebres da época. Desse modo, me apoiarei na discussão fomentada pelo historiador Reis (1991), que discute sobre o processo de passagem para os cemitérios e seus desdobramentos, durante o séc. XIX, assim como nas questões levantadas por Mariano e Mariano (2012) e Alexandre (2010). Metodologicamente, analisarei os óbitos registrados no livro da paróquia local, assim como o impacto que o número dessas mortes causou na freguesia de Cabaceiras, a partir da bibliografia acerca da região.

Palavras-chave: Doença. Medicina. Higiene. Sepultamento.

ABSTRACT

This article aims to analyze the number of deaths which occurred in Cabaceiras during 1856 caused by a cholera epidemic and how the disease affected the local funeral customs at the time. Therefore, I will rely on the discussion fostered by the historian Reis (1991) on the movements of burials to cemeteries during the 19th century, as well as the issues raised by Mariano and Mariano (2002) and Alexandre (2010). I will methodologically analyse the deaths documented in the records of the local parish, as well as the impact of the number of deaths among the population of Cabaceiras.

Keywords: Disease. Medicine. Hygiene. Burial.

¹ Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba. Endereço curricular: <<http://lattes.cnpq.br/0811073714077796>>

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo delimitar os impactos causados pelo cólera em Cabaceiras no ano de 1856, avaliando as práticas do “bem morrer” e seus desdobramentos nos costumes sociais que transformaram a cidade. Para isso, analisarei os dados contidos no Livro de Óbitos da cidade para dimensionar o impacto estatístico das mortes. Nesse sentido, espero esclarecer a importância da mentalidade religiosa dentro do âmbito dos hábitos de morte, mesmo em meio à epidemia.

A caminhada que me trouxe até aqui veio com muitas descobertas graduais do meu tema de Trabalho de Conclusão de Curso. Logo nos primeiros períodos desenvolvi grande apreço pela História Local, sobretudo por minha participação como monitora no Núcleo de Pesquisa e Extensão em História da Paraíba (NUHPEP). Essa atuação me permitiu conhecer e trabalhar com fontes jornalísticas e documentais que foram importantes balizadores dessa atual pesquisa, abrindo portas para o contato com a historiografia local.

Sabendo que queria trabalhar com História Local, não foi difícil determinar o meu local de pesquisa: tenho profunda ligação com a região do Cariri, tendo família, tanto materna quanto paterna, nascida e criada no município de Cabaceiras e arredores. Por tal motivo, esse foi o primeiro tijolo firmado na parede dessa pesquisa: escrever sobre a região cabaceirense. E o segundo foi decidir trabalhar com fontes primárias no desenvolvimento do TCC.

Com isso em mente, fiquei mais próxima do meu objeto de pesquisa durante uma conversa com o pároco de Cabaceiras, João Jorge Rietveld – que possui grande sensibilidade pela pesquisa histórica, sendo ele mesmo autor de vários livros sobre os municípios pelos quais passou –, que me permitiu pesquisar nos arquivos eclesiais, me deixando livre para fotografar alguns livros paroquiais. Enquanto folheava o primeiro Livro de Óbitos, percebi a sequência de mortes ocorridas no ano de 1856, num curto espaço de tempo, causados pelo cólera. Me debrucei, portanto, sobre a leitura de bibliografias que discorressem sobre tal epidemia e também sobre as formas de sepultamento no período.

Uma outra motivação dentro desse estudo é o próprio contexto mundial que se vive hoje. A pandemia do Covid-19 nos lembra da importância do desenvolvimento de pesquisas que abordem a saúde e a doença. O panorama com a crise atual nos transporta

ao passado de vilas que foram ceifadas por outro tipo de doença, mas que carregava a mesma premissa: o triste número de mortes.

Agra do Ó (2005) nos mostra em seu estudo o número de subnotificações e ações atrasadas que existiam durante o surto do cólera na Paraíba, esse contexto muito se assemelha ao que o próprio Brasil vive atualmente em razão do Covid-19 e a rapidez com que a doença se espalhou pelos estados. Mais uma vez, o olhar ao passado nos transporta para um presente que carece de abordagens claras sobre o que diz respeito a escrita da saúde e das doenças.

De modo geral, essa pesquisa pretende abordar como uma doença pode transformar os costumes sociais de uma cidade, principalmente no que diz respeito aos preparos ritualísticos diante da morte, assim como a análise dos óbitos dentro do registro oficial eclesiástico. Dessa forma, analisarei como as mudanças nos sepultamentos foram decisivas para as mudanças no cotidiano dessas freguesias e como a doença impactou a vida dos moradores e de suas famílias, introduzindo novas práticas de “bem morrer”.

Para isso, organizarei esse estudo em dois principais tópicos: “a prática do “bem morrer”” e “Cabaceiras diante do cólera”. No primeiro, pretendo abordar como a forte mentalidade católica de uma região move os costumes de sua população e como as mudanças nos preparos funerários são sentidos em meio a uma epidemia. No segundo momento, analisarei os dados contidos no Livro de Óbitos da cidade, afim de entender os impactos das mortes em uma população majoritariamente agrária.

Assim, a pesquisa visa contribuir com a história da saúde dos municípios da Paraíba e de suas práticas cotidianas no contexto da segunda metade do século XIX, assim como sua relevância no contexto atual. Pretendo, dessa forma, escrever junto à historiografia do nosso estado e somar com os pares na construção dos estudos acerca do interior paraibano. A escrita da história da saúde e das doenças do Cariri, contribui para o ensino da história local e suas conexões com o âmbito geral.

2 A PRÁTICA DO “BEM MORRER”

Para compreender o que seria a prática da boa morte, faz-se necessário adentrarmos nos medos comuns do homem. E nenhum medo acomete com mais providência o ser humano do que o temor da morte. Acontecimento intransponível na

vida de qualquer pessoa, sem detrimento de classe, cor, gênero ou idade. Na verdade, talvez não seja, de fato, o medo da morte que assusta o ser humano, mas o medo do desconhecido na consciência dos vivos. Elias (2001) nos traz uma reflexão sobre o assunto:

[...] não é a própria morte que desperta temor e terror, mas a imagem antecipada da morte. Se eu caísse morto aqui e agora sem qualquer dor, isso não seria minimamente assustador para mim. Não estaria mais aqui e, conseqüentemente, não sentiria o terror. O terror e o temor são despertados somente pela imagem da morte na consciência dos vivos. Para os mortos não há temor nem alegria. (ELIAS, 2001, p. 53)

Partindo disso, podemos perceber como as práticas de preparo para os ritos fúnebres são grandes influenciadores nas práticas da mentalidade local, sobretudo em meio a uma epidemia. E, mais do que isso, como o medo da morte é fator primário ao ser humano, principalmente quando enfrentado junto ao eminente risco de partir a qualquer instante, sem fazer “as pazes” como a ritualística católica.

É na consciência dos vivos que a preocupação com os acontecimentos vindouros, aqueles que marcam o desconhecido campo do além, respira e se cria. É nesse quadro de cuidado com o final da vida, com o que seria enfrentado após a saída do mundo dos vivos, que reside um dos receios mais comuns entre os cristãos brasileiros durante o período imperial: o temor, não necessariamente da perda única de seu corpo físico, mas da danação eterna de sua alma, quando a morte se anunciava antes dos devidos preparos religiosos.

O fato de não passar pelos ritos católicos de preparação para a morte, ou deixar algum assunto espiritual pendente em vida, desembocava no medo do julgamento divino, do destino *post mortem* de suas almas na balança. Ariés (2014, (p. 133)) aponta que “a descida apocalíptica do céu sobre a terra transformou-se num tribunal de justiça [...] porque o tribunal era o modelo das solenidades supremas, a imagem e o símbolo da grandeza, da mesma forma que a justiça era a manifestação mais pura de poder”.

E entrando no mérito de separação do corpo e da alma no ato da morte, isto é, na preocupação com o que acontecia com a alma após o findar da vida terrena, que Delumeau (2009, (p. 44)) aponta: “o discurso eclesiástico reduzido ao essencial foi com efeito este:

os lobos, o mar e as estrelas, as pestes, as penúrias e as guerras são menos temíveis do que o demônio e pecado, e a morte do corpo menos do que a da alma.”

Essa preocupação com a alma era deixada muito bem recomendada aos vivos, em formato de testamentos. Ao analisar alguns desses documentos datados da segunda metade do século XVIII na Paraíba, Monteiro (2017, p. 274) destaca que “os testamentos dos paraibanos setecentistas revelam que a preocupação maior desses homens e mulheres, mais do que os aspectos práticos da vida civil, era com a salvação de suas almas.” Partindo disso, podemos ver outra fala da autora que corrobora tal afirmação:

Na Paraíba setecentista encontramos, nos inventários e testamentos, variados exemplos de instruções nesse sentido, tais como confecção de mortalha que cobriria o cadáver, os padres e irmandades que deveriam acompanhar os funerais, o local do sepultamento, o número de missas e ofícios a serem rezados. A súplica e a intercessão dos santos, a distribuição dos bens de forma caritativa e a doação para os religiosos [...] emergem na leitura de inventários reafirmam a existência do rito fúnebre como providência para morrer em paz. (p.272)

Nesse sentido, enxerga-se a importância, desde os tempos remotos, com a alma do morto. Dentro da doutrina cristã, especificamente católica, a necessidade de viver os sacramentos era intrínseca à prática do bem morrer. Gestado na Idade Média², a ideia do julgamento da alma, isto é, o destino entre céu, inferno ou purgatório, impelia os fiéis dentro dos dogmas da Igreja.

Outra questão, segundo Reis (1991), que movia os moribundos a aceitarem a Extrema Unção, era a de que a recusa não os deixaria serem sepultados em solo sagrado, castigo maior para o morto e sua família. A união da falta de sacramento com o enterro em solo pagão levava ao peso negativo na hora do julgamento final.

Em seu livro³, Reis, explanando sobre o contexto da Bahia, sobretudo na década de 1830, apresenta em um fértil território sobre a importância dos ritos fúnebres e seus desdobramentos, tanto na vida do morto quanto de seus entes vivos. Falando sobre a importância dos sacramentos, ele demonstra como moradores do interior faziam

² Para aprofundamento no assunto: LE GOFF, Jacques. O nascimento do Purgatório. 2ª ed. Lisboa: Estampa, 1995.

³ REIS, João José. A Morte É Uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

solicitações de envio de párocos para administrarem os sacramentos para a proteção espiritual diante da morte. Por meio de uma petição em 1835 ao governo da província:

Os habitantes de Santana de Serrinha queixaram-se da “extrema necessidade que padecem de Pasto Espiritual”, pois, visto viverem em lugar remoto, os párocos “não podem socorrer [...] com os Sacramentos de vivo, e de mortos com aquela prontidão que exige o ofício paroquial”. E insistiram: “sucede falecer muitos sem o sacramento da penitência, e outros sacramentos de mortos.” [...] Os ilhéus queixaram-se de que as famílias acabavam sendo punidas duplamente: a perda do parente e a angústia de vê-lo partir sem os sacramentos. (REIS, 1991, p. 135-136)

Esse retrato se repetia por todo Brasil. Se torna palpável, através desses relatos, a preocupação com a morte e alma dos indivíduos. Sabendo do medo do óbito repentino, entende-se o contexto de assombro geral com a chegada do advento da morte pelas doenças que acometeram grande parte do Brasil oitocentista, em especial o Nordeste. Nesse hall de doenças, merece destaque especial para a cholera morbus, que dentre outras localidades, assolou a Paraíba com providência a partir do ano de 1856.

2.1 A CHEGADA DO CÓLERA NA PARAÍBA

O cólera, em termos gerais, se caracteriza por uma grave infecção bacteriana (*vibrio cholerae*) no intestino, causando fortes diarreias e vômitos, levando a um intenso quadro de desidratação, que desencadeia outros sintomas, como baixa pressão arterial, ausência de urina, pele ressecada, entre outros. Todos esses fenômenos, na maior parte das vezes, levavam à morte.

Ambientes com baixas condições de salubridade e higiene são perfeitos para a proliferação da doença, visto que seu contágio é feito através do contato com água ou alimentos contaminados. Mariano e Mariano (2012, p. 12) apontam outra questão importante para a construção do medo ao redor da doença, como a aparência dos doentes: “olhos fundos, unhas roxas, pele ressecada e em tom azulado, lábios pálidos em um corpo contraído, criando imagens e gerando padrões de julgamento que orientavam as práticas sociais.”

Muitas Províncias foram atingidas pelo cólera, sobretudo no Norte e Nordeste. Seu percurso inicia-se a partir do Pará, seguindo para o Amazonas e Maranhão, desce

para a Bahia e para o Rio de Janeiro, chega ao Rio Grande do Sul. Nos últimos meses do ano de 1855 acomete Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraíba, chegando no Rio Grande do Norte já em 1856.⁴

Assim que a doença foi confirmada no Pará, muitas Províncias começaram a tomar medidas profiláticas. Na Paraíba, por exemplo, a capital recebeu atenção dobrada. O matadouro público foi transferido para um prédio mais salubre, medidas de quarentena foram estabelecidas para embarcações vindas de lugares que poderiam oferecer riscos, criou-se um estabelecimento na Ilha da Restinga para tratamento de pessoas vindas em tais embarcações.⁵

Ainda assim, a doença chegou na Paraíba. O cólera fez seu trajeto de morte no nordeste brasileiro começando pelo Norte, até que, no final de dezembro de 1855, desceu sobre a Paraíba. De acordo com Leal (s.d., p. 171):

A invasão da Província pelo cólera-morbo verificou-se através da fronteira de Pernambuco, manifestando-se a princípio em São João do Cariri e em Taquara, não tardando a alastrar por todo o território, ceifando vidas, devido, em parte, à falta de assistência médica e em parte à violência com que atacava as pessoas despercebidas do perigo. (apud AGRA DO Ó, 2005, p. 24)

Muito embora os paraibanos já estivessem bastante familiarizados com outra forma de medo, personalizada pela febre amarela⁶ que assolou a região no mesmo período da década de 1850, a cólera dizimou muitas vidas em um curto espaço de tempo, causando alarme generalizado. Segundo Mariano e Mariano (2012), a doença chegou como um furacão, ceifando a vida de quase vinte e seis mil pessoas, numa população que não chegava aos trezentos mil habitantes.

⁴ Fonte: ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira. Quando o ‘Anjo do Extermínio’ se Aproxima de Nós: Representações Sobre o Cólera no Semanário Cratense o Araripe (1855-1860). 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

⁵ Ibid, p. 54.

⁶ “A febre amarela é um perigo endêmico, é uma doença infecciosa aguda transmitida por mosquitos hematófagos contaminados por um gênero de vírus conhecido como flavivírus [...] Em abril de 1850 a febre amarela continuou se espalhando como um rastilho de pólvora, causando um flagelo na população. Inicialmente a doença se mostrou mais presente na capital do que no interior, forçando o governo a tomar providências quanto à chegada de navios estrangeiros, pois, segundo as informações vindas do Rio de Janeiro, os primeiros casos da peste haviam sido detectados nos navios” (MARIANO; MARIANO, 2012, p. 8)

Como vemos na citação acima, várias vilas da Província foram afetadas, sendo, de acordo Mariano e Mariano (2012), as principais: Sousa, Patos, Pombal, Catolé do Rocha, Alagoa Nova, Pilar, Bananeiras, Cabaceiras e Santa Rita. No específico caso de Cabaceiras, onde se concentra essa pesquisa, as estatísticas de morte são bastante altas num espaço de tempo tão curto, mesmo em comparação a outros surtos de doenças. Para tanto, buscaremos mais a frente delimitar em números discriminados tais estatísticas, com base nos documentos da época.

3 CABACEIRAS DIANTE DO CÓLERA

Geograficamente, a Vila de Cabaceiras se situa no Cariri paraibano. Seu território teve início através de uma fazenda, para criação de gado, pertencente à família dos Oliveira Ledo, conhecidos pelo desbravamento dos sertões paraibanos. Posteriormente, essa fazenda foi adquirida pelo Capitão-mor Domingos de Farias Castro, que, em acordo com Antônio Ferreira Guimarães, construíram a Capela de Na. Sra. da Conceição, a igual distância da residência dos dois, por volta de 1730.⁷

Cabaceiras ascende à categoria de freguesia em 1834⁸ e com a proclamação da República, já surge na qualidade de município. Hoje é bastante conhecida por suas chuvas esparsas e clima quente, localizando-se a 180km da capital João Pessoa e a 68km da cidade de Campina Grande, recebe muitos turistas que procuram as rústicas paisagens do cariri e os cenários usados em tantos filmes brasileiros.

Outra característica presente nessa cidade é a ativa devoção católica⁹, forte marca do cariri paraibano. Sendo a instituição mais antiga da região, a Igreja Católica tem suas bases fincadas no Leste do cariri há 350 anos, cuja matriz se encontrava em Cabaceiras¹⁰. Não é à toa que foi em torno da capela erguida por Domingos e Antônio, que a vila

⁷ MEDEIROS, Tarcizio Dinoa; MEDEIROS, Martinho Dinoa. *Ramificacoes genealogicas do cariri paraibano*. Brasília: CEGRAF, 1989.

⁸ Ibid., p. 32.

⁹ Para compreender mais sobre o assunto, pode-se acessar o trabalho de CASTRO, Maria Isabel Pimentel de. Título: *Laços de Famílias e Costumes de Fé nas Terras de Cabaceiras (1735-1785)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2009.

¹⁰ RIETVELD, João Jorge. *Josefa, a Virgem do Cruzeiro de Cabaceiras*. Campina Grande: Gráfica Cópias e Papeis, 2016, p.7.

começou a tomar forma, mas, mesmo assim, sua população continuava a ser majoritariamente rural.

Medeiros (2016), em uma análise da cidade na década de 1940, aponta como os moradores residiam, em sua maioria, no campo, vivendo através da criação de bovinos, caprinos e muares. Saint-Adolphe (1845, p. 178) discute que “em 1838 ou 39 uma lei da assemblea provincial a elevou á categoria e dignidade de villa qualificando-a de Villa-Federal. Compõe-se o seu districto do seu antigo termo parochial, o qual é por extremo fértil, e sua povoação se eleva a 1500 habitantes pela maior parte cultivadores.”

Mais uma vez percebemos a confirmação da maioria preponderantemente habitar a zona rural. Cabaceiras em 1909, de acordo com Tavares (1910, p. 732), contava com “a população do municipio de nove mil habitantes, calculadamente.” Se fizermos um paralelo entre as afirmações de Saint-Adolphe e Tavares, podemos imaginar que em 1856 os habitantes da vila transitavam entre esses números. De qualquer modo, a cólera atingiu com violência os que moravam na vila, na parte urbana, onde dentro desses números, permanecia sendo a minoria.

No entanto, a falta de assistência médica, unida com ambientes insalubres, a má higienização de água e alimentos, tornava essa parcela da população a maior vítima das doenças da época. Foi nesse ambiente que a cólera ganhou espaço e dizimou tantas vidas no seio urbano da vila de Cabaceiras, seu diminuto número de moradores encontrou-se ainda mais abatido após a passagem do signo da peste.

3.1 OS NÚMEROS NO LIVRO DE ÓBITOS

Para melhor compreender a dimensão das mortes causadas pela cólera, analisamos o Livro de Óbitos da cidade, especialmente o ano 1856, e constatamos que o mês de março foi, de longe, o com maior número de falecimentos por cólera dentro do período de surto da doença – de fevereiro a maio. Para se entender a dimensão dos casos, é necessário manter em mente a restrita população que vivia no local, fazendo com que as mortes acarretassem numa grande queda demográfica, além da rapidez na sucessão de mortes, que talvez seja o que mais nos chame atenção.

Falando em números, em fevereiro houve apenas seis mortes, estatística irrisória perto dos falecidos no mês de março: noventa e três pessoas. De abril a maio padeceram de cólera mais nove pessoas; e duas que morreram da doença sem constar em um mês específico. Embora não saibamos de certeza, a diferença de um mês para o outro pode ser explicada com as medidas de quarentena impostas pelo governo e também pela doença já ter dizimado tantas vidas no ano anterior em outras Freguesias, que a Paraíba, ao atingir o pico da doença, soube como reverter a estatística.

Afunilando a pesquisa um pouco mais, conseguimos, para melhor compreensão do tema, apresentar o gênero dentro desses números exibidos acima:

Quadro 1

Mulheres acometidas e falecidas de cólera na vila de Cabaceiras, 1856.

MULHERES	MORTES POR CÓLERA
BRANCAS	27
PARDAS	13
PRETAS	4
CRIOULAS	3
ANGOLAS ¹¹	7
<i>TOTAL</i>	<i>54</i>

Quadro feito por mim com base nos registros de óbitos contidos no Livro de Óbitos da cidade de Cabaceiras, no ano de 1856.

Quadro 2

Homens acometidos e falecidos de cólera na vila de Cabaceiras, 1856.

HOMENS	MORTES POR CÓLERA
BRANCOS	32

¹¹ Prováveis mulheres negras vindas da Angola, tornando-se uma descrição de cor no Livro.

PARDOS	17
PRETOS	3
CRIoulos	4
<i>TOTAL</i>	<i>56</i>

Quadro feito por mim com base nos registros de óbitos contidos no Livro de Óbitos da cidade de Cabaceiras, no ano de 1856.

Além dos dados acima, o Livro de Óbitos mostra que dentro desses números de mortes entre mulheres, quatorze eram escravas, número quase três vezes maior ao de homens escravos no mesmo período na região, que totalizavam cinco. Acreditamos que a maior mortandade entre as mulheres escravas podia se dever ao contato direto nas atividades domésticas da casa, principalmente no preparo de bebidas e alimentos e na limpeza dos locais de fezes, já que a doença é transmitida por contaminação fecal-oral direta ou pela ingestão de água ou alimentos contaminados.¹²

Como o número de escravos sofreu grande queda a partir dos anos 1850, intui-se que por isso a contagem de mortos pela cólera seria maior entre as pessoas livre. O baixo número de escravos mortos pode ser pensando através dos dados trazidos por Rocha (2009, p. 107) quando trabalha a porcentagem de escravos na Paraíba na segunda metade do século XIX: “com base nos dados da população cativa [...] na segunda metade do século XIX, a queda foi acentuada, visto que entre 1851 e 1872 a Paraíba diminui seu contingente de 13,4% para 5,7% em relação à população livre, que, ao contrário, estava em expansão.”

Outras hipóteses também podem ser pensadas, entre elas, a possível falta de registro oficial dos senhores quando seus escravos morriam, sendo enterrados nas propriedades dos próprios senhores, não constando nos Livros de Óbitos da igreja. Ou mesmo registrados e sepultados em freguesias vizinhas.

Mais à frente, ao analisarmos o local de sepultamento dos moribundos, percebemos através do que foi registrado pelo pároco no Livro de Óbitos, que todos os enterrados "no mato" eram escravos, o que nos leva a pensar no número dos que não

¹² Fonte: <encurtador.com.br/oAO23> Acesso em 04/11/2020.

foram nem mesmo registrados. Como já destacamos no início desse artigo, a preocupação era latente em relação ao cuidado com os ritos de morte. Sendo assim, se a indiferença residia até no local de enterro, não é de espanto que tais pessoas morressem de cólera, por falta dos devidos cuidados médicos gerais.

Outra questão que nos atentamos ao analisarmos o quadro, é o maior número de mortes por mulheres e homens brancos. Essa estatística, inclusive, chama atenção por diferir do que acontecia em outras Províncias, por exemplo, já que o cólera era taxado como a doença dos “pobres e negros”. De acordo com Alexandre (2010, p. 54):

“[...] os negros e pobres eram o mais atingidos pelo cólera. No momento em que o tráfico negreiro internacional tinha sido abolido (1850) e o projeto de embraquecimento do Brasil [...] era defendido pelos setores dominantes da sociedade, a epidemia passou a ser vista como instrumento diabólico para eliminar a gente de cor.”

Essa diferença pode ser entendida, no entanto, se analisarmos o censo oficial de 1872¹³, que mostra que o total de brancos na freguesia de Cabaceiras é mais do dobro de pessoas negras e pardas somadas. O número de brancos é de 5286, sendo 3368 homens e 1918 mulheres; negros assomam 189, dos quais 98 são homens e 91 são mulheres; e pardos, 2045, cujos homens figuram em 968 e mulheres em 1077.

Assim, se pensarmos através desses números, é compreensível que as maiores vítimas do cólera fossem pessoas brancas, por serem maioria na freguesia em 1872, muito provavelmente também o eram em 1856. Apesar disso, a doença acometia todos com tal propriedade, que praticamente não há discrepância no número de mortes entre homens e mulheres, como podemos ver no comparativo dos dois quadros já expostas.

Já quando partimos para a análise dos registros de óbitos no que concerne a faixa etária dos mortos, percebemos que a mortandade infantil era muito maior em relação ao número de adultos acometidos de cólera no mesmo período:

Quadro 3

Faixa etária das pessoas acometidas e falecidas de cólera na vila de Cabaceiras, 1856.

¹³ O censo se encontra disponível no site do IBGE pelo link: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v5_pb.pdf> Acesso em 04/11/2020.

IDADE	MORTES POR CÓLERA
ENTRE 0 E 10 ANOS	44
ENTRE 11 E 20 ANOS	10
ENTRE 21 E 30 ANOS	14
ENTRE 31 E 40 ANOS	10
ENTRE 41 E 50 ANOS	15
ENTRE 51 E 60 ANOS	04
ENTRE 61 E 70 ANOS	02
ENTRE 71 E 80 ANOS	01
ENTRE 81 E 90 ANOS	01
ENTRE 91 E 100 ANOS	02
ENTRE 101 E 110 ANOS	01
<i>TOTAL</i>	<i>104¹⁴</i>

Quadro feito por mim com base nos registros de óbitos contidos no Livro de Óbitos da cidade de Cabaceiras, no ano de 1856.

Dentro dos 44 falecidos entre 0 e 10 anos, 32 figuram entre 0 e 4 anos, demonstrando que a falta de auxílio médico, – segundo Mariano e Mariano (2012), nessa época a Paraíba só contava com quatro médicos, sendo três na capital e um na Vila do brejo de Areia – a ausência de saneamento básico (prato cheio para doença), bem como a fragilidade imunológica das crianças, fazia dos menores um alvo fatal para a cólera.

Nesse período, circulava pelo Brasil a teoria crescente da transmissão das epidemias pelos miasmas, resíduos presentes em água parada ou matéria orgânica em decomposição, que, através dos fatores atmosféricos, se dissipavam no ar, causando

¹⁴ O número total de falecidos de cólera em 1856 é o de cento e dez pessoas, no entanto, seis dessas não constavam com idade registrada nos assentos de óbitos, impossibilitando sua contabilidade no quadro acima.

novos doentes. A concentração de pessoas em um local também era responsável pela produção dos miasmas, fosse no contato direto ou indireto com os doentes. Principalmente a concentração de pessoas moribundas entre os vivos.

As circulantes teorias de higienização dos espaços públicos e privados começaram a ganhar força e a disseminar suas ideias no âmbito médico. Um dos alvos recorrentes para a medicina nesse período eram os sepultamentos que ocorriam nas igrejas, considerados locais santos de descanso eterno que garantiam a aproximação com o céu. Reis (1991, p. 214) aponta que “as igrejas eram a Casa de Deus, sob cujo teto, entre imagens de santos e anjos, deviam também se abrigar os mortos até a ressurreição prometida para o fim dos tempos.”

Não era diferente na vila de Cabaceiras. A esposa do fundador da habitação, Isabel Rodrigues de Oliveira, a quem a Matriz de Na. Sra. da Conceição foi dedicada, se encontra sepultada no altar da igreja, local de maior prestígio dentro da hierarquia de proximidade com o céu através dos enterros em local sagrado. Sua morte, no entanto, se deu muito antes da insurreição contra o descanso eterno dos mortos nas igrejas, tendo sido sepultada em 1739.

Foi com a teoria dos miasmas que se fortaleceu o pensamento contra tais enterros, pois o contato dos mortos com os vivos possibilitava inúmeras doenças. De acordo com Reis (1991, p. 307), os médicos analisavam de forma bastante crítica esses sepultamentos:

Para eles a decomposição de cadáveres produzia gases que poluíam o ar, contaminam os vivos, causavam doenças e epidemias [...] uma organização civilizada do espaço urbano requeria que a morte fosse higienizada, sobretudo que os mortos fossem expulsos de entre os vivos e segregados em cemitérios extramuros.”

Para tentar incutir na cabeça das pessoas que esses sepultamentos nada tinham de sagrados, eles classificavam tais atitudes como superstição, de uma barbaridade que nada tinha de religião. Essas falas tinham por objetivo afastar dos centros urbanos os locais de morte, isto é, fazer com que houvesse a construção de cemitérios afastados das cidades. Os ditos “cemitérios extramuros” da citação acima.

No caso da Paraíba, os primeiros cemitérios começaram a ser construídos entre 1855 e 1856, em decorrência do avançado número de mortos pelas doenças, em especial do cólera. Em 1855, foi edificado o cemitério da vila de Piancó, sendo que desde 1850 já

havia aprovação na Assembleia¹⁵ para sua construção. O cemitério da vila de Cabaceiras foi erguido somente em 1856, afastado da Igreja Matriz, antes mesmo de algumas outras vilas da Província no mesmo ano.

Uma fala proferida por Antônio Costa Pinto Silva, em agosto de 1856, recitada na Assembleia Legislativa da Parahyba do Norte, nos mostra que diferente das outras vilas, em Bananeiras e Cabaceiras já havia o cuidado médico e higiênico no sepultamento de seus mortos: “em Bananeiras e Cabaceiras informão-me que alguma coisa se fez, devido aos esforços do Juiz Municipal no 1º termo e Delegado no 2º”.¹⁶

Nesse sentido, durante os meses da epidemia – janeiro a maio – analisamos os locais de sepultamento dos moribundos. A maciça maioria dos mortos de fato foi sepultada no recém-inaugurado cemitério da Matriz, mas uns poucos ainda fugiram da regra geral de higienização e sepultados foram na igreja local.

Quadro 4

Locais de sepultamento dos falecidos de cólera na vila de Cabaceiras, 1856.

LOCAIS	SEPULTADOS
CEMITÉRIO DA MATRIZ	89
IGREJA MATRIZ	5
NO MATO	5
SÍTIO DO BARRO VERMELHO	6
SÍTIO DA ILHA DA TAPERÁ	3
CAPELA DE BOQUEIRÃO	1

¹⁵ MARIANO, S. R. C.; MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro . O Medo Anunciado: a febre amarela e a cólera na província da Paraíba (1850-1860). Fênix (UFU. Online), v. 9, p. 1-20, 2012.

¹⁶ Texto oral digitado pertencente ao arquivo pessoal do memorialista cabaceirense Ginaldo Nóbrega, in: SILVA, Antônio Costa Pinto. **Assembleia Legislativa da Parahyba do Norte**. Cabaceiras, [s.d.], (Texto Oral Digitado)

<i>TOTAL</i>	<i>109¹⁷</i>
--------------	-------------------------

Quadro feito por mim com base nos registros de óbitos contidos no Livro de Óbitos da cidade de Cabaceiras, no ano de 1856.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pestes e moléstias, dentro do contexto religioso, sempre carregaram o estigma de castigo divino, da mão punidora pelos excessos mundanos ou pela omissão perante a religião, essa realidade perpassou desde o Mundo Antigo e suas crenças nas vontades de deuses temperamentais, até o cristianismo e na fé sobre um Deus vingativo.

O castigo pode vir por várias formas e motivos, entre elas, SANTOS (1994) em uma análise sobre o cólera na cidade de Nova Iorque, aponta que “para os moradores aterrorizados de 1849 e 1832, a religiosidade ainda os predispunha fortemente a ver na epidemia o merecido castigo divino para o materialismo e o pecado.” (p. 95)

Através de todos esses números, podemos imaginar o alarme da população em relação ao ceifador de vidas em forma de doença que era a cólera no período e os motivos pelos quais a doença se abateu sobre a população. Fossem eles mulheres ou homens, crianças ou adultos, escravos os libertos, enterrados no cemitério ou na igreja, no sítio ou no mato, a morte acometia todos que ainda respirassem, sem distinção.

O medo era generalizado e por isso convinha a necessidade de se prevenir da doença, assim a medicina oficial muitas vezes se misturava com a medicina popular, de acordo com Alexandre (2010, p. 64) “além de chás, infusões e até espécies de *amuletos de cobre*, outros métodos profiláticos tiveram lugar nos pontos em que a moléstia se manifestou”.

Enquanto a epidemia grassava, a população dos lugares acometidos buscava se proteger com os recursos disponíveis na época. A fricção de álcool e cânfora, recomendada pelos médicos em textos publicados na imprensa desde 1855, foi amplamente utilizada na ocasião. (PINHEIRO, 1963, p. 423; TEÓFILO, 1979, p. 240 apud ALEXANDRE, 2010, p. 64)

¹⁷ Novamente percebemos a ausência nos assentos de óbitos do registro do local de sepultamento de um dos falecidos.

Apesar de todas essas medidas, o real medo era se resguardar no pós-morte, praticando todas as formas de “bem morrer” e as preparações com a alma, porque, fosse como fosse, a cólera se anunciava e não permitia grandes preparos. São os quadros que nos trazem o auxílio visual para dimensionar essas perdas em Cabaceiras, no ano de 1856.

Esse trabalho visou contribuir para historiografia local, sobretudo no que diz respeito à compreensão de Cabaceiras nos estudos do século XIX, unindo-se a outro trabalho onde também trato sobre a cidade e um de seus vultos religiosos. Acredito que minha trajetória acadêmica e contato com a História Local foi decisivo para a gestação desse escrito e espero que agora ele possa somar e auxiliar a quem deseja conhecer sobre o assunto.

Por fim, no decorrer desse escrito, buscamos compreender como a morte causava impacto nas vidas das pessoas, física e espiritualmente. Em dias corridos, famílias viam-se ir embora 3 ou 4 de seus membros, quando não a família inteira. Em poucas semanas, amigos e familiares eram enterrados em sequências. Pais que enterravam seus filhos antes da hora esperada, antes da lógica natural na mentalidade popular.

Era o fim da vida pela foice da cólera; porque como escreveu nosso saudoso Suassuna (2014, p. 45): “cumpriu sua sentença encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca do nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo, morre.”

REFERÊNCIAS

- AGRA DO Ó, Alarcon. Relatos de Males: notas acerca dos modos de adoecer na Paraíba imperial. In: _____, **Paraíba no Império e na República, estudos de História Social e Cultural**. João Pessoa: Ideia, 2005.
- ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira. **Quando o ‘Anjo do Extermínio’ se Aproxima de Nós: Representações Sobre o Cólera no Semanário Cratense o Araripe (1855-1860)**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- ARIÈS, Philippe. **O Homem Diante da Morte**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- CASTRO, Maria Isabel Pimentel de. **Laços de Famílias e Costumes de Fé nas Terras de Cabaceiras (1735-1785)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2009.
- ELIAS, Nobert. **A Solidão dos Moribundos**, seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- DELEMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MARIANO, S. R. C.; MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro. **O Medo Anunciado: a febre amarela e a cólera na província da Paraíba (1850-1860)**. Fênix (UFU. Online), v. 9, p. 1-20, 2012.
- MEDEIROS, João Rodrigues Coriolano de. **Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba**. 4 ed. João Pessoa: IFPB, 2016.
- MEDEIROS, Tarcizio Dinoa; MEDEIROS, Martinho Dinoa. **Ramificacoes genealogicas do cariri paraibano**. Brasília: CEGRAF, 1989.
- MONTEIRO, Luíra Freire. Preparações Para o Encontro com Deus: experiências da “boa morte” na Paraíba oitocentista. In: _____, SANTANA, Flávio Carreiro de (Org.) **História: tramas do tempo, impressões do vivido**. João Pessoa: Ideia, 2017, p. 269-283.
- PARÓQUIA. **Livro de tombo (da). Paróquia de Na. Sra. da Conceição**. Diocese de Campina Grande. Livro nº 01. Cabaceiras/PB.
- REIS, João José. **A Morte É Uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- RIETVELD, João Jorge. **Josefa, a Virgem do Cruzeiro de Cabaceiras**. Campina Grande: Gráfica Cópias e Papeis, 2016.
- ROCHA, Solange Pereira da. **Gente Negra na Paraíba Oitocentista: população, família e parentesco espiritual**. São Paulo: Unesp, 2009.
- SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Milliet de. **Diccionario Geographico Historico e Discriptivo do Imperio do Brazil**. [S.L.]: Pariz, 1845.
- SANTOS, Luiz Antônio de Castro. **Um século de cólera: itinerário do medo**. In: Physis, Revista da Saúde Coletiva, Vol. 4, nº1, 1994.

SILVA, Antônio Costa Pinto. **Assembleia Legislativa da Parahyba do Norte**. Cabaceiras, [s.d.], (Texto Oral Digitado)

SUASSUNA, Ariano. **O Auto da Compadecida**. 36ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

TAVARES, João de Lyra. **A Parahyba**, 1909, volume II. [S.L.]: Imprensa Oficial Parahyba, 1910.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças para concluir essa longa jornada que foi a graduação em História e a Nossa Senhora por ter sido acolhimento nas horas de dúvida.

Esse trabalho jamais teria ficado pronto se não fosse pela ajuda de familiares, amigos e professores, por isso, serei eternamente grata.

Ao meu maior exemplo de força e perseverança, minha mãe, Sandra Farias, sou grata por tudo, mas especialmente por não me deixar duvidar que eu conseguiria escrever e terminar a graduação. Ao meu padasto, Juarez Fernandes, por todos os conselhos, amor e apoio nessa carreira acadêmica.

Aos meus irmãos, Camila e Vinícius, por serem tão presentes e importantes nessa caminhada. Ao meu companheiro, Ismaell Bento, por todo amor, compreensão, ensinamentos e paciência nesses 4 anos de curso.

À minha mais do que querida orientadora, Hilmária Xavier, pela paciência e compreensão nesses meses de escrita e por todas as orientações e conselhos.

Aos meus amigos e companheiros nessa estrada universitária: Roberto Carlos, Iven Maclaud, Thalles Rennan, Elias Cabral, Amanda Judite, Ruhama Souto e Maryanni Reinaldo, vocês foram responsáveis por me manter motivada e permanentemente feliz por ter tão boas companhias na universidade. E aos três primeiros, enorme gratidão pelo apoio na escrita desse e tantos outros trabalhos.

Aos professores, Glauber Paiva, pela infinita paciência e conselhos acadêmicos, Luíra Freire, por me motivar e me fazer ansiar em contribuir com a História Local, José da Costa Júnior, pelas valiosas dicas e genuíno interesse em ajudar e Serioja Mariano, que mesmo sem saber, me inspirou a estudar e escrever sobre o tema desse TCC.

Também agradeço ao pároco de Cabaceiras, João Jorge Rietveld, por ter aberto as portas e o coração para a minha pesquisa e ter me permitido acessar tão rica documentação.

Às minhas grandes amigas e incentivadoras, Ivila Nunes, Karol Lira e Renally Leão, vocês me inspiram a tentar crescer e dar sempre o meu melhor. Ao meu amigo,

Filype Silva, que me proporcionou tantas risadas e apoio nas tardes de livraria.

Aos meus colegas do NUPEHP, especialmente a turma da segunda, por todas as boas conversas e companheirismo nas noites de trabalho. A minha prima e amiga, Gabriela Aires, por sempre estar disposta a ser minha porta-voz cabaceirence.

E a todos que de alguma forma me ajudaram nesses longos 4 anos de curso, abraços fraternos.